

TRABALHO, SAÚDE E TERAPIA OCUPACIONAL: UMA ABORDAGEM SISTÊMICA

Sessão Temática: Visão Sistêmica em Saúde

Autora: Taísa Junqueira

**Instituição: Faculdade de Medicina de Ribeirão-Preto/Universidade de São Paulo –
FMRP/USP**

Resumo

O atual momento histórico aponta, sem dúvida, para a importância da reflexão acerca do trabalho e sua relação com a saúde dos indivíduos, sendo a saúde do trabalhador uma área importante de intervenção, na qual o terapeuta ocupacional vem ocupando cada vez mais espaço. Para tanto, compreender a relação homem-trabalho sob uma perspectiva sistêmica, possibilita ao terapeuta ocupacional a construção de um conhecimento do ser humano, suas relações e seus contextos em seus múltiplos aspectos, distanciando-se do risco de compreendê-los apenas pelas suas partes ou fragmentos. Assim, o presente estudo tem como objetivo investigar as relações de trabalho na vida dos indivíduos através de uma visão sistêmica, buscando compreender as dimensões subjetivas do trabalho e do trabalhador através do reconhecimento do sentido do trabalho nas formas em que ele se apresenta atualmente em suas vidas. Para isso, a pesquisa foi fundamentada na metodologia qualitativa e utilizou como técnica de coleta de dados, uma entrevista, a qual foi realizada com 10 trabalhadores de diferentes postos de trabalho, no período de 10 a 30 de Maio de 2008. Os resultados foram analisados à luz da bibliografia especializada no assunto, onde foi possível compreender a complexidade da relação homem-trabalho, a partir da realidade contextual do ser humano.

Palavras-chave: Trabalho; Saúde; Doença; Terapia Ocupacional; Saúde do Trabalhador; Visão Sistêmica em Saúde.

Introdução

O trabalho ocupa um espaço de grande importância na vida dos seres humanos, uma vez que a maioria deles trabalham e grande parte de suas vidas é passada nas organizações. Contudo, a relação homem-trabalho parece algo ainda bastante conflituoso, pois, muitas vezes, o trabalho é percebido como indesejado, como um fardo pesado, podendo impedi-lo de viver. Por outro lado, ele é também percebido como algo que dá sentido à vida, definindo a identidade pessoal do indivíduo e impulsionando-o ao crescimento humano (RODRIGUES, 2002).

Além disso, de acordo com Sznalwar et al. (2003), o ato de trabalhar é um ato síntese, possibilitando que o ser humano desenvolva suas ações por inteiro, não podendo ser separado em físico, cognitivo e psíquico.

Neste contexto, entender a inteligência e as estratégias que o trabalhador utiliza para a realização do seu trabalho, os esforços realizados por ele e a busca do reconhecimento pelo trabalho exercido, são aspectos fundamentais e essenciais para o entendimento das relações sofrimento/prazer ligadas ao trabalho (LANCMAN et al., 2002).

Assim, o presente estudo tem como objetivo investigar as relações de trabalho na vida dos indivíduos através de uma visão sistêmica, buscando compreender as dimensões subjetivas do trabalho e do trabalhador através do reconhecimento do sentido do trabalho nas formas em que ele se apresenta atualmente em suas vidas.

Vale acrescentar que entender a dimensão subjetiva do trabalho, não é uma tarefa fácil devido ao seu caráter invisível e/ou menos evidente. Temas como o conteúdo simbólico do trabalho, as relações subjetivas do trabalhador com sua atividade e as conseqüências da relação trabalho-trabalhador sobre a saúde (física e mental) dos trabalhadores merecem ser melhor explorados através de estudos que partam de situações concretas (LANCMAN et al, 2002).

Desta forma, a busca por uma fundamentação teórica que não provoque um distanciamento da subjetividade e das emoções dos indivíduos, encontra no pensamento sistêmico e complexo, uma possibilidade de organizar esse conhecimento (COSTA; FERIOTTI, 2007).

Assim, no presente estudo, foram realizadas entrevistas com trabalhadores de diferentes postos de trabalho, objetivando compreender melhor o significado do trabalho para cada

um deles. Não se trata somente de uma reflexão sobre o valor do trabalho, mas do reconhecimento do sentido do trabalho nas formas em que ele se apresenta atualmente em suas vidas.

O trabalho humano

O atual momento histórico aponta, sem dúvida, para a importância da reflexão acerca do trabalho e sua relação com a saúde dos indivíduos, uma vez que de acordo com Navarro (2006) vivencia-se um período de transformações organizacionais e tecnológicas que modificam os processos e as relações de trabalho, sendo essas ocorridas no período da adoção de políticas de cunho neoliberal que acabam por mercantilizar serviços essenciais aos indivíduos, como a saúde e a educação, o que contribui para o enfraquecimento das instituições públicas encarregadas da vigilância dos ambientes de trabalho, resultando na precarização das relações de trabalho.

É importante destacar que a história, a sociologia do trabalho e outras ciências humanas comprovam que, com o passar do tempo, o conceito de trabalho foi se transformando e acompanhando as mudanças políticas, sociais, econômicas, organizacionais, os avanços tecnológicos e, ainda, mostrando-se diferente de cultura para cultura (WATANABE; NICOLAU, 2001).

De acordo com Aranha e Martins (2004), desde as primeiras sociedades humanas até os dias atuais, o trabalho assumiu diversos significados, sendo visto na pré-história, como uma atividade lúdica; na antiguidade, maldição divina (escravidão); nos primórdios do Cristianismo, forma de expiação do pecado original e meio de compaixão; com a Reforma Luterana, o trabalho era um direito e dever ou meio para a salvação; na Revolução Industrial, expressão da criatividade humana; no início do século XX, a maior obsessão e atualmente, o trabalho é uma atividade em questionamento.

Além disso, a reflexão sobre o trabalho parte da constatação da existência de várias formas de trabalho, desde o trabalho informal, infantil, sub-remunerado, até as novas formas de trabalho, como a longa jornada de trabalho, a obsessão pela carreira que, freqüentemente, rouba espaços nas dimensões humanas e necessárias à pessoa, a excessiva flexibilização e fragmentação

do trabalho que possuem conseqüências desastrosas para a vida familiar, bem como para a percepção unitária da própria existência (SILVA, 2005).

Trabalho enquanto saúde e doença

Salienta-se, neste contexto, a importância da reflexão acerca da relação saúde-trabalho-doença e suas conseqüências na vida do trabalhador.

De acordo com Lancman et al. (2003), atualmente, muitos estudos em saúde do trabalhador vêm se desenvolvendo com o objetivo de proporem ações para eliminar, minimizar ou controlar os riscos de doenças e acidentes relacionados ao trabalho, estudos estes com base na escuta dos trabalhadores que são vistos como protagonistas de seus processos de trabalho, ou seja, os conhecedores mais habilitados a identificar os problemas e os riscos presentes no cotidiano de suas tarefas.

Esse olhar holístico frente aos trabalhadores, constata a impossibilidade de separação entre sujeito e objeto, principalmente quando se parte de uma visão sistêmica, uma vez que de acordo com Costa e Feriotti (2007), ir ao encontro do outro pressupõe a possibilidade de compartilhar com este, mesmo sem dizer nada, suas histórias pessoais, familiares, culturais e sociais.

Assim, é importante ressaltar que a diferença fundamental está em compreender a saúde ou a doença como decorrente de uma dada situação social ou cultural, e não apenas como uma entidade ou manifestação individual (MEDEIROS et al., 1999), onde a concepção sistêmica e complexa possibilita melhor essa compreensão.

A relação homem-trabalho – Os trabalhadores

Infelizmente, nos dias atuais, ainda se observa uma forte visão cultural mecanicista. Junto à ela, percebe-se o autoritarismo, a burocratização, a desvalorização humana, ou seja, a falta de humanidade para com os seres humanos enquanto trabalhadores é cada vez mais crescente em nossa sociedade (MATOS, 1997).

Percebe-se também a dissociação entre quem planeja e quem executa o trabalho, a qual tende a reduzir e assemelhar o fator humano no processo de trabalho aos maquinários e às peças de engrenagem, onde o risco de um acidente passa a equivaler ao risco de danificação de um maquinário, desumanizando as relações humanas, a subjetividade, os limites físicos e mentais do trabalhador (LANCMAN et al., 2003).

Além disso, as organizações não possuem comprometimento com seus trabalhadores, recomendando-lhes que cultivem sua empregabilidade se quiserem continuar ocupando seus postos de trabalhos (OLIVEIRA, 1998).

Como consequência, o trabalhador deve apresentar um conjunto de habilidades e capacidades cada vez maior, pois sem ele, não há grandes possibilidades de uma vida digna. Vasconcelos (2001) acrescenta ainda que existem outras exigências, como as caracterizadas pelas horas extras, pelas longas jornadas de trabalho ou pelas jornadas noturnas (reuniões, *happy hours* com fornecedores ou superiores), as quais distanciam o trabalhador cada vez mais, física e mentalmente, de sua vida social e familiar, sendo que as consequências disso, já se fazem sentir.

Portanto, de acordo com Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) é de extrema importância a conscientização de que o organismo do trabalhador não é um motor humano. Ele possui uma história pessoal que se concretiza pelos seus desejos, pelas suas motivações, pelas suas necessidades psicológicas, que integram sua história, conferindo a cada ser humano, características únicas e pessoais.

Terapia Ocupacional e Saúde do Trabalhador

A saúde do trabalhador é uma área importante de intervenção, na qual o terapeuta ocupacional vem ocupando cada vez mais espaço. Sua atuação não se dá apenas com o indivíduo em relação ao seu próprio sofrimento, mas abrange também o ambiente e a organização de trabalho (MEDEIROS et al., 1999),

De acordo com Lancman (2004), o terapeuta ocupacional, ao alargar seu campo de ação prevenindo e intervindo em situações concretas de trabalho, inicia o reconhecimento de

diversas características e saberes, o que o torna um profissional imprescindível neste campo de atuação, tanto pela sua experiência particular no uso e no estudo das atividades, quanto pela busca de uma compreensão mais global dos indivíduos.

A autora ainda acrescenta que a Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador objetiva realizar ações em benefício da saúde do homem em atividade (trabalho), atuando na prevenção de doenças e acidentes de trabalho, bem como na reabilitação dos trabalhadores já adoecidos, tendo sempre o olhar voltado ao homem e sua saúde. Além disso, nas suas intervenções, deve-se levar em consideração as condições e organizações do trabalho enquanto determinantes de adoecimento, permitindo ao trabalhador, não somente uma tomada de consciência, mas também uma instrumentalização que possibilite uma mudança na sua relação com o trabalho, fazendo do tratamento, um processo de participação que resulte em uma ação transformadora.

Assim, é necessário que o terapeuta ocupacional assuma uma postura de crítica frente à organização social, não bastando atuar com o indivíduo como se ele fosse singular no mundo (WATANABE; NICOLAU, 2001).

Portanto, como afirma Francisco (1988), é imprescindível que o terapeuta ocupacional exerça constantemente uma crítica consciente no sentido de não alienar ainda mais o homem, simplesmente adequando-o ao meio, mas sim, ajudá-lo a refletir sobre seu mundo.

Metodologia

Uma pesquisa é de alguma forma, um relato dos olhares de uma longa viagem de um sujeito, cujos lugares já foram, muitas vezes, visitados por outras pessoas. Assim, nada de absolutamente original pode ser percebido, mas um modo diferente de pensar e olhar determinada realidade diante de experiências e acontecimentos muito pessoais (DUARTE, 2002).

De acordo com Costa e Feriotti (2007), a metodologia científica tradicional tem possibilitado inesgotáveis avanços nas áreas das ciências naturais. Em contrapartida, tem se mostrada muito limitada para dar conta das reais necessidades e angústias humanas de nosso tempo.

Além disso, as autoras ainda acrescentam que para pensar na Terapia Ocupacional sob uma perspectiva sistêmica, é necessário que os profissionais revejam e reorganizam suas visões de mundo, não se limitando apenas aos conteúdos específicos. Para tanto, é imprescindível uma atitude constante de questionamentos, buscando perceber as múltiplas relações que compõem a realidade, na perspectiva de encontrar certezas provisórias, mutáveis, válidas em determinado contexto e momento histórico.

Desta forma, para que os objetivos do presente trabalho fossem alcançados, este foi fundamentado na metodologia qualitativa e utilizou como principal técnica de coleta de dados, uma entrevista semi-estruturada, elaborada pela pesquisadora, que abordava a idade, a escolaridade e a profissão do indivíduo entrevistado, bem como o significado/importância do trabalho em sua vida, e as opiniões sobre a existência de alguma relação entre saúde e trabalho e as características necessárias de um bom lugar para se trabalhar.

As entrevistas foram realizadas através de comunicação pessoal no período de 10 a 30 de Maio de 2008, com diversos profissionais, de diferentes idades e graus de escolaridade, perfazendo um total de 10 entrevistados, dentre eles: três mulheres com faixas etárias entre 40 e 45 anos, sendo uma terapeuta ocupacional com escolaridade de doutora, uma representante comercial, com escolaridade de 2º grau completo e uma empregada doméstica com a escolaridade de 7ª série do ensino médio; um jovem estudante de 17 anos que cursa a 3ª série do 2º grau (3º colegial) e uma senhora aposentada de 73 anos com ensino médio incompleto; uma estudante de Terapia Ocupacional, de 24 anos prestes a entrar no mercado de trabalho, um engenheiro eletricitista de 24 anos recém-formado e empregado e uma terapeuta ocupacional, de 25 anos, recém-formada e desempregada, bem como dois trabalhadores com segundo grau incompleto, sendo um vendedor de 22 anos sem nenhum acidente de trabalho ou doença ocupacional aparente e um supervisor de expedição de 27 anos acidentado.

Os dados obtidos foram analisados sob uma perspectiva sistêmica, a qual, de acordo com Triviños (1987), possui seu enfoque direcionado principalmente ao estudo dos sistemas complexos, como os de natureza psicológica, de natureza social, de natureza social.

Assim, buscou-se compreender o objeto de estudo desta pesquisa, a partir do entendimento de um complexo de elementos que se constituem na interação com o todo.

Resultados e Discussões

Os resultados serão apresentados através de fragmentos retirados das entrevistas realizadas e discutidos a luz da bibliografia especializada no assunto, sob uma perspectiva sistêmica.

Assim, referente à pergunta de número 1 “*Qual o significado/importância do trabalho em sua vida?*”, podemos observar:

Terapeuta ocupacional, 45 anos, doutora: “[...] *é um espaço onde me realizo, me descubro e descubro o outro [...] ele tem uma função social, enquanto me remunera, me faz ter a sensação de pertencimento, de inclusão social [...]*”.

Representante comercial, 44 anos, 2º grau completo: “[...] *faço o que gosto, mesmo tendo limitações e falta de formação profissional. Assim, sua importância maior é a nossa conquista e crescimento interior*”.

Empregada Doméstica, 42 anos, 7ª série do ensino médio: “[...] *só o trabalho constrói e é uma fonte de sobrevivência. É a estrutura da família*”.

Estudante, 17 anos, 2º grau incompleto: “[...] *sucesso profissional [...] realização pessoal*”.

Aposentada, 73 anos, ensino médio incompleto: “*O trabalho é a razão da minha vida*”.

Terapeuta ocupacional, 25 anos, recém-formada, desempregada: “[...] *o trabalho completa qualquer ser humano [...] nos dá identidade enquanto pessoas*”.

Engenheiro eletricitista, 24 anos, recém-formado, empregado: “[...] *o trabalho é uma ação totalmente necessária, de forma que me torna uma “peça” útil na sociedade, e me proporciona um retorno satisfatório, seja ele econômico ou pessoal [...]*”.

Estudante de Terapia Ocupacional, 24 anos, prestes a entrar no mercado de trabalho: “[...] possibilita a realização de estudar o que eu realmente sempre quis, fazendo que amadurecesse mais rápido e com consciência”.

Vendedor, 22 anos, não acidentado no trabalho: “Única forma de sobreviver honestamente”.

Supervisor de expedição, 27 anos, acidentado no trabalho: “[...] é e extrema importância na minha vida [...], pois depois do acidente que eu tive, me desmotivou muito”.

Como pode ser observado, há diferentes respostas, pois como foi dito anteriormente, cada indivíduo é único e carregado de valores que lhes são próprios.

Contudo, alguns significados do trabalho são comuns em muitas vidas como fonte de sobrevivência financeira, espaço de realização, atividade que proporciona identidade pessoal, além de ser uma ação social.

Da mesma forma, Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) afirmam que o trabalho não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, caracterizando-se também em um espaço de construção do sentido, de conquista da identidade, da continuidade e da historicidade do indivíduo.

Além disso, Lancman (2004) acrescenta que o trabalho é entendido para além do ato de exercer uma atividade que objetiva unicamente um salário como ganho final pelo produto realizado, ou seja, o trabalho é entendido como matriz da integração social, como constituidor do indivíduo e de sua identidade.

Desta forma, pode-se observar que o trabalho, enquanto atividade humana e complexa, não pode ser compreendido dissociado dos elementos e de todo o contexto, o qual ele se dá, uma vez que como afirma Morin (2001) “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto da autonomia, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (p. 55).

Referente à pergunta de número 2 “*Você acredita haver alguma relação entre saúde e trabalho? Explique.*”, podemos observar:

Terapeuta ocupacional, 45 anos, doutora: “*Sim, e como. Temos os aspectos positivos [...] sentimento de identidade, de pertencimento, de descoberta, realização, auto-*

conhecimento [...] e negativos [...] quando se exige além do adequado [...] a questão do não reconhecimento, dos problemas de relacionamento [...] o estresse (físico, mental), a desmotivação, a insatisfação, a vida pessoal relegada a segundo plano [...] os fatores de riscos, de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho”.

Representante comercial, 44 anos, 2º grau completo: *“[...] através desta relação os indivíduos conseguem interagir e assim as doenças psicossomáticas vão sendo deixadas de lado [...]”.*

Empregada Doméstica, 42 anos, 7ª série do ensino médio: *“Acredito [...] tem pessoas que não têm saúde e querem trabalhar [...] muitas vezes o empregador não acredita na sua capacidade [...]”.*

Estudante, 17 anos, 2º grau incompleto: *“[...] o trabalho faz parte de nossas vidas [...] de tal modo que há uma relação saudável e um bom desempenho profissional”.*

Aposentada, 73 anos, ensino médio incompleto: *“A vida sem saúde não tem sentido. A saúde é o principal para o trabalho”.*

Terapeuta ocupacional, 25 anos, recém-formada, desempregada: *“Sim, pois as diferentes cargas de trabalho são causas de patologias”.*

Engenheiro eletricista, 24 anos, recém-formado, empregado: *“Em minha opinião, saúde e trabalho estão completamente relacionados [...] pessoas que, quando realizam um trabalho ou atividade que as satisfazem, são [...] mais felizes e não são tão suscetíveis a algumas doenças como DEPRESSÃO e mesmo STRESS [...] convivemos também com a realidade de trabalhadores que desenvolveram [...] doenças como LER [...] doenças respiratórias como agricultores que trabalham aplicando agrotóxicos. Esses são pequenos exemplos de como um determinado trabalho pode afetar a saúde de um trabalhador”.*

Estudante de Terapia Ocupacional, 24 anos, prestes a entrar no mercado de trabalho: *“[...] um trabalhador com sua saúde ocupacional preservada será um trabalhador que renderá mais em seu ambiente de trabalho”.*

Vendedor, 22 anos, não acidentado no trabalho: *“[...] uma pessoa que não tem saúde [...] não pode exercer todos os tipos de trabalho”.*

Supervisor de expedição, 27 anos, acidentado no trabalho: “[...] *se eu tivesse a experiência que eu tenho, nada teria acontecido*”.

Como pode-se observar, com algumas exceções, a maioria dos entrevistados possuem uma compreensão da relação de saúde e trabalho muito simplificadas, muitas vezes, não compreendendo a complexidade e a importância dessa relação em suas vidas. Pode-se dizer que uma das razões para esse acontecimento caracteriza-se pela dificuldade apresentada pelos indivíduos de refletirem sobre sua saúde enquanto trabalhadores, pela dificuldade de compreenderem seus corpos e pela desinformação sobre saúde no trabalho que, muitas vezes, os acompanha.

Vale ressaltar aqui que, de acordo com Sucesso (1998) a saúde no trabalho abrange muitas questões, dentre elas: renda capaz de satisfazer as expectativas pessoais e sociais; orgulho pelo trabalho realizado; vida emocional satisfatória; auto-estima; equilíbrio entre trabalho e lazer; horários e condições de trabalhos sensatos; oportunidades e perspectivas de carreira; possibilidade de uso do potencial; respeito aos direitos e justiça nas recompensas.

Para tanto, as questões referente ao trabalho dos indivíduos, enquanto determinantes de saúde e doença devem ser compreendidos em toda a sua complexidade, uma vez que de acordo com Laurell e Noriega (1989), os problemas apresentados pelo indivíduo diante de seu trabalho não devem ser compreendidos como resultantes dos riscos ocupacionais aos quais está exposto, mas como expressão concreta do que ele vive e das relações estabelecidas entre todo o complexo processo de trabalho e sua organização.

Para finalizar, referente à pergunta de número 3 “*Na sua opinião, o que possibilita um bom lugar para se trabalhar?*”, podemos observar:

Terapeuta ocupacional, 45 anos, doutora: “[...] *de ser possível colocar as nossas habilidades no trabalho, de poder sonhar, de ter planos [...] o bom lugar para trabalhar tem relação com o aspecto interno nosso (nossa motivação, expectativa e perspectivas) e o aspecto externo (ambiente de trabalho, condições da atividade/tarefa, das relações, etc)*”.

Representante comercial, 44 anos, 2º grau completo: “*O ambiente de trabalho precisa ser de ajuda mútua, companheirismo e principalmente de muito respeito*”.

Empregada Doméstica, 42 anos, 7ª série do ensino médio: “[...] *confiança do empregador; satisfação de quem faz o trabalho e de quem está empregando; [...] harmonia e boa convivência; fazer tudo com amor e carinho, ser humilde com as pessoas e que Deus nos dê a força necessária*”.

Estudante, 17 anos, 2º grau incompleto: “*Um ambiente agradável que concilie amizade, descontração, bem-estar, responsabilidade e, principalmente, respeito*”.

Aposentada, 73 anos, ensino médio incompleto: “[...] *é a boa convivência, pois é onde passamos a maior parte da vida*”.

Terapeuta ocupacional, 25 anos, recém-formada, desempregada: “*Local de valorização, reconhecimento interpessoal [...] ambiente adequado (mobiliário, luz...) [...] jornada de trabalho respeitada*”.

Engenheiro eletricitista, 24 anos, recém-formado, empregado: “*Em um bom ambiente de trabalho deve-se estar sempre tentando apresentar renovações [...] deve apresentar pessoas com boas relações interpessoais, com empregadores que acreditem e invistam nas qualidades e potenciais de seus funcionários, sem que exista discriminação entre funções internas na empresa*”.

Estudante de Terapia Ocupacional, 24 anos, prestes a entrar no mercado de trabalho: “*A boa interação empregado e empregador [...] boa interação com a equipe de trabalho, propiciando assim um ambiente mais estimulante para se trabalhar*”.

Vendedor, 22 anos, não acidentado no trabalho: “[...] *função na qual esse trabalhador se caracterize e um clima onde esse trabalhador venha a se identificar*”.

Supervisor de expedição, 27 anos, acidentado no trabalho: “*Compreensão dos padrões, harmonia entre todos [...]*”.

Como pode ser observado, os entrevistados relatam que um bom lugar para se trabalhar consiste em criar um clima de harmonia, paz e solidariedade no ambiente de trabalho e entre todos na equipe, pois, infelizmente, o que acontece comumente nas relações de trabalho é o funcionário sem nome, sem história, sem futuro.

De acordo com Levering (1986), um bom lugar para se trabalhar possibilita além do trabalho, uma vida social, ou seja, outros compromissos na vida dos trabalhadores, como a família, os amigos, os *hobbies* pessoais. Na sua visão, é injusto que um local de trabalho seja o foco exclusivo na vida das pessoas, como temos visto na esmagadora maioria das vezes. Um contexto com essa característica, segundo ele, não permite que as pessoas se desenvolvam ou se tornem mais completamente humanas.

Desta forma, se são nas organizações que os trabalhadores passam a maior parte de suas vidas, natural seria que estas fossem transformadas em lugares mais aprazíveis e saudáveis para a execução do trabalho. Locais onde pudessem, de fato, passar horas vivendo, interagindo, criando e realizando plenamente com qualidade de vida, satisfação e alegria (VASCONCELOS, 2001).

Conclusões

A partir dos dados obtidos, podemos compreender a complexidade da relação homem-trabalho, na qual se encontra indissociável, características biológicas, físicas, sociais, culturais, morais, psíquicas, históricas, que se interagem constantemente, constituindo a complexidade do fazer humano.

É no encontro direto com os trabalhadores, com suas opiniões, seus pensamentos, angústias e sofrimentos, que recebemos estímulos, enquanto trabalhadores da saúde para continuarmos lutando na busca de alternativas para uma vida mais digna aos indivíduos.

Para isso, o confronto com várias opiniões e significados sobre o trabalho, proporciona o desenvolvimento da reflexão crítica acerca dos indivíduos que vêm ao nosso encontro, pois não se pode refletir sobre trabalho sem considerarmos as várias esferas que compõem a vida humana.

Além disso, essas reflexões são importantes para o crescimento pessoal e profissional do terapeuta ocupacional, para que este tenha uma visão mais complexa e crítica para intervir na busca do equilíbrio entre os aspectos positivos e negativos que permeiam o trabalho dos indivíduos.

Para Bertalanffy (1977), uma vez que o organismo é um sistema ativo, as terapêuticas ocupacionais e agregadas são conseqüências, onde ao invés de aprofundar no passado, torna-se necessário compreender os conflitos e os contextos atuais, as tentativas realizadas na busca da reintegração e a orientação para o futuro.

Assim, a atuação do terapeuta ocupacional na saúde do trabalhador, deve possibilitar e provocar nesses indivíduos possíveis reflexões acerca de seu corpo, suas potencialidades, capacidades e limitações, bem como de seus direitos enquanto seres humanos trabalhadores. Além disso, o terapeuta ocupacional possui a importante tarefa de conscientizar a sociedade que o trabalhador não é uma máquina ou um instrumento de trabalho, mas um ser humano repleto de desejos, vontades, gostos, preferências, sentimentos – ele chora, ele ama, ele sente – e ele deseja, principalmente, ser respeitado.

Para tanto, pode-se concluir que, de acordo com Costa e Feriotti (2007), a utilização do pensamento sistêmico para a compreensão teórico-prática da terapia ocupacional possibilita a construção de um conhecimento do ser humano, suas relações e seus contextos em seus múltiplos aspectos, distanciando-se do risco de compreendê-los apenas pelas suas partes ou fragmentos. Desta forma e ainda segundo as autoras, estudar e trabalhar a partir de uma perspectiva sistêmica possibilita uma nova maneira de organizar os pensamentos, os sentimentos, as atitudes e as relações, na tentativa de buscar alternativas e possibilidades para a construção de uma nova organização com paradigmas mais adequados às reais necessidades atuais do conhecer, viver e conviver humano em seus diferentes contextos e em toda a sua exuberante complexidade.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2004. 438 p.

BERTALANFFY, L. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

COSTA, C. T.; FERIOTTI, M. de L. Terapia Ocupacional numa Abordagem Sistêmica e Complexa: tecendo e costurando um movimento em busca da fundamental ação da Terapia Ocupacional em Saúde Mental. In: CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. **Terapia Ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 146-155.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. 145 p.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, março, 2002, p. 139-154.

FRANCISCO, B. **Terapia Ocupacional**. Campinas: Papyrus, 1988.

LANCMAN, S. Construção de novas teorias e práticas em Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho. In: LANCMAN, S. **Saúde, Trabalho e Terapia Ocupacional**. São Paulo: Roca, 2004, p. 71-83.

LANCMAN, S. et al. Contribuições do estudo da subjetividade na análise e intervenção no trabalho. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 22-30, jan./abr. 2002.

LANCMAN, S. et al. Informar e refletir: uma experiência de terapia ocupacional na prevenção de riscos à saúde do trabalhador. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 1-9, jan./abr. 2003.

LEVERING, R. **Um excelente lugar para se trabalhar**: o que torna alguns trabalhadores tão bons (e outros tão ruins). Rio de Janeiro: Qualitymark, 1986.

MATOS, F. G. **Fator Quociente de Felicidade (QF)**: ciclo de felicidade no trabalho. São Paulo: Makron Books, 1997, 121 p.

MEDEIROS, M. H. R. et al. Conquistando novos campos de trabalho: a intervenção de Terapia Ocupacional em uma indústria de São Carlos. In: VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional - Trajetórias e Perspectivas da Terapia Ocupacional, Águas de Lindóia, **Anais**, 1999.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001.

NAVARRO, V. L. Saúde do trabalhador no SUS: aprender com o passado, trabalhar o presente, construir o futuro. **Caderno de Saúde Pública**, v. 22, n. 11, p. 2500-2502, 2006.

OLIVEIRA, M. A. Dilemas na Gestão da Qualidade de Vida no Trabalho. In: Encontro Internacional de Gestão de Competências em Qualidade de Vida no Trabalho, **Anais**, São Paulo: FEA/USP, 1998, p. 26-27.

RODRIGUES, M. V. C. **Qualidade de vida no trabalho**: evolução e análise do nível gerencial. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, 206 p.

SILVA, M. P. N. **O trabalho humano**. 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/fecultura/0506ds06.htm#inicio>>. Acesso em 25 jan. 2008.

SUCESO, E. P. B. **Trabalho e qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora e Dunya Editora, 1998.

SZNELWAR et al. **Ergonomia e psicodinâmica do trabalho**: um diálogo entre diferentes abordagens do trabalho. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq (2003). Disponível em: <<http://www.cnpq.br>>. Acesso em 24 jan. 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: **A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, A. F. Qualidade de vida no trabalho: origem, evolução e perspectivas. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v. 8, n. 1, jan./mar., 2001, p. 23-35.

WATANABE, M.; NICOLAU, S. M. A Terapia Ocupacional na interface da saúde e do trabalho. In: DE CARLO, M. M. R.; BARTALOTTI, C. C. (orgs.) **Terapia Ocupacional no Brasil**. São Paulo: Plexus, 2001.